

A atuação do pedagogo em espaços não formais de educação: um estudo a partir de Organizações Não Governamentais do Recife

Marcelle Claudia Tavares¹
Mayara Danielle Dias²
Clarissa Martins Araújo³

RESUMO: O trabalho aqui apresentado teve como objetivo principal compreender como se constitui a prática do pedagogo na educação não formal em Organizações Não Governamentais de Recife. Foram realizadas entrevistas do tipo semiestruturadas com o gestor e o pedagogo de duas ONGs da cidade do Recife. Os resultados da pesquisa evidenciaram que a atuação dos pedagogos dentro em Organizações Não Governamentais se dá especialmente no trabalho voltado para a formação social dos educandos, visando seu desenvolvimento como ser humano, o que contribui para conciliar as ações educativas com a realidade vivida.

Palavras chaves: Pedagogo; Educação não formal; Organização Não Governamental.

1. Introdução

O interesse por esta pesquisa surgiu inicialmente a partir da disciplina Pesquisa e Prática Pedagógica: Processos formativos em espaços não escolares – P.P.P. I, onde tivemos o nosso primeiro contato com Pedagogos que atuavam em uma Organização Não Governamental. Essa experiência ocorreu em ONGs distintas, onde fomos orientadas pelo professor da disciplina apenas para conhecer a constituição e finalidade do espaço como *locus* de formação dos sujeitos, sem, no entanto, nos preocuparmos em identificar as ações educativas que o pedagogo desenvolvia e refletir sobre o seu papel nesse espaço.

Além disso, durante o nosso curso de Pedagogia realizado na Universidade Federal de Pernambuco, tivemos poucas informações sobre a atuação do pedagogo para além da escola. As disciplinas, palestras, seminários, entre outros,

¹Concluinte do Curso de Pedagogia - 2015.1 – Centro de Educação – UFPE. E-mail: marcelleclaudia@hotmail.com

² Concluinte do Curso de Pedagogia - 2015.1 – Centro de Educação – UFPE. E-mail: mayaradias@hotmail.com

³ Professora Adjunta do Departamento de Psicologia e Orientação Educacional – Centro de Educação - UFPE
E-mail: clarissa.araujo@yahoo.com.br

não foram suficiente para esclarecer-nos sobre quais ações educativas e quais objetivos são esperados deste profissional nos espaços não escolares. Isso nos instigou ainda mais a nossa curiosidade para a realização desta pesquisa, posto que uma quantidade significativa de colegas da turma não deseja trabalhar em escolas e busca atuar em outros espaços educativos.

Através de um breve estudo sobre o histórico do curso de Pedagogia, podemos perceber que a atuação do pedagogo esteve quase sempre direcionada para o espaço escolar. Ao longo dos anos o curso foi tentando se adaptar as novas demandas advindas da sociedade e as reformulações curriculares no perfil foram modificando também a função do pedagogo. A partir de 1996, segundo a Lei de Diretrizes de Bases nº 9394, o campo de atuação do pedagogo não ficou restrito a educação na escola. Esse olhar mais abrangente foi apagando, mesmo que de forma ainda lenta, a ideia cristalizada de que o curso de Pedagogia forma o pedagogo apenas para a docência e que a educação é estável. De acordo com Libâneo:

As questões referentes ao campo de estudo da Pedagogia, da estrutura do conhecimento pedagógico, da identidade profissional do pedagogo, do sistema de formação de pedagogos e professores, frequentam o debate em todo o país [...] (2002, p. 25).

Nesse processo de mudança podemos observar no Projeto Pedagógico do curso de Licenciatura em Pedagogia, do Centro de Educação/UFPE (2007), que o mesmo traz como um dos objetivos do curso, formar profissionais para atuar também em espaços não escolares de formação humana, ou seja, com a reforma curricular, percebemos a preocupação em se pensar a atuação do pedagogo em novos espaços.

Esse cuidado do curso de Pedagogia em formar pedagogos que estejam aptos para atuarem, também, em espaços de educação não formal, nos revela uma atenção às novas demandas educativas advindas da sociedade. Como nos alerta Libâneo (2002, p.28) “O pedagógico perpassa toda a sociedade, extrapolando o âmbito escolar formal, abrangendo as esferas mais amplas da educação informal e não-formal”. Nesse sentido, o autor (ibidem) procura chamar nossa atenção para as transformações inerentes a todo processo sócio histórico,

o que implica um movimento permanente de reflexão crítica sobre o papel do pedagogo na formação social dos sujeitos. Como o autor (ibidem) comenta:

[...] os objetivos e conteúdos da educação não são sempre idênticos e imutáveis, antes variam ao longo da história e são determinados conforme o desdobramento concreto das relações sociais, das formas de econômicas da produção e lutas sociais. (p.79)

Desse modo, precisamos compreender que a educação perpassa por toda a esfera social, entre os mais variados espaços como, em casas, nas escolas, em praças, movimentos sociais ou políticos, espaços religiosos, em organizações não governamentais, entre outros e que, cada espaço poderá ter, ou não, intencionalidades distintas. Sobre essas diferentes modalidades da educação, Gohn (2006) afirma:

A princípio podemos demarcar seus campos de desenvolvimento: a educação formal é aquela desenvolvida nas escolas, com conteúdos previamente demarcados; a informal como aquela que os indivíduos aprendem durante seu processo de socialização - na família, bairro, clube, amigos, etc., carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados; e a educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas. (p.28)

Em todas as suas modalidades, a Educação tem o sujeito humano como objeto de estudo, no entanto, ela se tornou campo acirrado de lutas políticas e sociais. Até os dias de hoje, é utilizada por muitos espaços educativos como instrumento de dominação social e de segregação da sociedade. A educação não formal vai contra essa lógica excludente e considera esses outros sujeitos que estão esquecidos à margem da sociedade. Ou seja, na educação não formal esses outros sujeitos existem e fazem parte de todo o processo educativo, as ações educativas, portanto, deverão favorecer o desenvolvimento e a transformação humana desses sujeitos excluídos. De acordo com Gohn (2006):

A educação não-formal capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo. Sua finalidade é abrir janelas de conhecimento sobre o mundo que circunda os indivíduos e suas relações sociais. Seus objetivos não são dados a priori, eles se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo (p.29)

A autoria nos mostra que a educação não formal se desenvolve normalmente no ambiente extraescolar, nas organizações sociais, nos programas de formação sobre direitos humanos, cidadania, lutas contra desigualdades e exclusões sociais, no centro das atividades das ONGs, nos programas de inclusão social, especialmente no campo das artes, educação e cultura. Isso nos mostra que a educação não formal vai além de um espaço ou conceito, dependendo primeiramente de um ator essencial: o educador. O educador que se propõe a atuar no campo da educação não formal deve almejar contribuir para a transformação política e social do indivíduo envolvido no processo educativo.

Diante do exposto, acreditamos que não podemos restringir os estudos da educação ao espaço escolar e diante da realização de um curso de Pedagogia, no qual tivemos poucas experiências para além dos muros das escolas, buscamos responder as seguintes questões: como o pedagogo tem atuado nos espaços de educação não formal? De que modo o curso de Pedagogia contribuiu na elaboração de ações educativas em outros espaços educativos? Quais as motivações levaram este profissional a trabalhar nesses espaços?

Para esta pesquisa, escolhemos as Organizações não Governamentais, uma vez que são considerados espaços de educação não formal, ampliando a cada dia seu trabalho com as crianças e jovens que estão à margem na nossa sociedade. Tivemos como objetivo central compreender como se constitui a atuação do pedagogo em uma Organização Não Governamental na cidade de Recife. Para isso elencamos os seguintes objetivos específicos: i) conhecer o interesse dos pedagogos em trabalhar em Organizações Não Governamentais; ii) Identificar as ações educativas que os pedagogos desenvolvem nesse espaço; iii) conhecer a contribuição da formação acadêmica no curso de Pedagogia para o trabalho dos pedagogos nas ONGs; iv) delinear os motivos que levaram esses espaços a buscarem o pedagogo para fazer parte de sua equipe de colaboradores.

2. A Educação Não Formal – Um espaço em construção

O termo educação não formal ganha popularidade a partir do final da década de 60 no Brasil, o seu surgimento teve contribuições tanto nacionais como

internacionais, possuindo aqui relação direta com a Pedagogia Social. De acordo com Gohn (2006) a educação não formal é conceituada nesse campo da Pedagogia, uma vez que ela trabalha com coletivos e se preocupa com os processos de construção de aprendizagens e saberes coletivos. Segundo Machado (2008) a Pedagogia Social pode possuir diferentes enfoques de acordo com cada país, e apesar de não haver consenso, em alguns países o profissional é denominado de Educador Social e em outros de Pedagogo Social. Atualmente, o campo de educação não formal passou a ser valorizado por também dar importância aos valores culturais que articulam as ações dos indivíduos. Certamente este termo já não nos causa tanto estranhamento, no entanto é um campo que está em construção e precisamos conhecê-lo melhor.

Muitas vezes, propostas educativas de educação não formal se voltam aos grupos sociais excluídos com uma lógica assistencialista ou de prevenção, visam apenas inserir ou incluir determinado grupo ou indivíduo na sociedade de acordo com seus moldes, como se o sujeito fosse objeto da Educação. A educação não formal vai além dessa lógica, pois a experiência com esse outro sujeito ganha sentido novo para o educador. Arroyo (2012) comenta:

Na medida em que outros educandos chegam com outras experiências sociais, outras culturas, outros valores, mostrando-se Outros sujeitos nas relações políticas, econômicas, culturais, Outras Pedagogias são inventadas, outras formas de pensá-los e de pensar a educação, o conhecimento, a docência. (p.11)

Por vezes, preso ao processo de escolarização que ocorre dentro da lógica formal de educação, o educador vai se distanciando do educando e não se envolve mais com a necessidade daquele aluno. Sabemos que existem outros campos educativos além da escola que demandam o Pedagogo, entretanto, é importante sabermos que a educação não formal não acontece apenas em espaços considerados como “não escolares”. É sabido que o sistema escolar, ou o processo de escolarização, mantém um controle social através das desigualdades, no entanto, acreditamos que onde há a educação, em qualquer lugar que ela esteja, existe a possibilidade de transformação entre educador e educando, e assim a educação não formal poderá ocorrer tanto fora do espaço escolar como nele próprio, dependendo da prática do educador.

Dentre as lógicas da educação não formal, acreditamos na lógica pedagógica que parte da ideia que a educação não formal para acontecer, aceita e enxerga o outro, independente de quem seja esse outro, como cidadão e como sujeito em sua própria cultura e modo de ser. Nesse sentido, o educador tem papel fundamental no processo educativo, pois é através dele que poderá acontecer ou não um verdadeiro envolvimento com o educando.

2.1. O curso de Pedagogia e a educação não formal

O curso de pedagogia que foi regulamentado na década de 30, mais especificamente em 1939, pelo Decreto Lei de nº 1190/1939, previa a formação do bacharel para os que cursassem 3 anos, e aos que fizessem mais um ano de estudos dedicados as práticas de ensino e das didáticas, seria dado o título de licenciado. A estes lhes eram permitidos ensinar nas áreas de geografia, matemática, histórias e estudos sociais.

Assim se passaram mais de duas décadas, para ser homologada a 1ª Lei de Diretrizes e bases da Educação – LDB, de nº 4.024/1961, e posteriormente o Parecer CFE nº 251/1962 e 292/1962, que não modificava o contexto do curso de Pedagogia, mantendo o esquema 3+1. Como nos aponta Oliveira (2012, p.28),

Nesse contexto, há uma fragmentação dos conhecimentos adquiridos e elaborados ao longo do tratamento que se dava para as pessoas que faziam o curso de Pedagogia, estabelecendo um conhecimento fragmentado e até, muitas vezes, um distanciamento da identidade do pedagogo, que teria duas formas de lidar com o processo de formação: técnico em educação (bacharelado) e professor de disciplinas pedagógicas (licenciatura).

Diante da divisão forçada que o curso de Pedagogia se encontrava, e da busca pela sua identidade, o então conselheiro Valnir Chagas relatou a existência de 2 correntes posicionadas para decidirem o rumo do curso de Pedagogia, uma alegava propor a extinção do curso, com a justificativa de que lhe faltava conteúdos próprios, enquanto o lado oposto saía em sua defesa. (BRZEZINSKI, 2002).

Frente a tais acontecimentos, havia a necessidade de mudança, foi quando houve a proposta de uma nova Lei de nº 5.540 de 1968, que ficou conhecida

como A Lei da Reforma Universitária. Sobre este fato, Vieira (2008) fala que a Lei definiu, no artigo 30, os especialistas que atuariam nos sistemas de ensino, criando as habilitações em Administração, Planejamento, Inspeção, Supervisão e Orientação. Na Lei 5.540 ainda não se via a formação docente como prioridade. Franco (2012, p. 69) alega que neste período, “o Brasil abria mão de uma perspectiva pedagógica revolucionária, inovadora, progressista, para entrar numa perspectiva pedagógica tecnicista e antidemocrática”.

No ano 1969, em virtude da Lei da Reforma Universitária, o Parecer nº 252/69, retificava e organizava o curso de Pedagogia, tendo assim a intenção de habilitar o profissional da educação em orientação, administração, supervisão e inspeção educacionais, seja ele bacharel ou licenciado.

Apenas na década de 80 é que se abre um debate social, do qual vão estar inseridos movimentos tais como: ANDES – Associação Nacional de Professores do Ensino Superior, ANPAE – Associação Nacional de Política e Administração Nacional, ANPED – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Educação, CNTE – Confederação Nacional dos Trabalhadores da Educação, em busca de um único objetivo, a educação. Sobre esse período Brzezinski (2002, p.87) diz que:

[...] a cidadania tem sido elemento de união entre movimentos sociais e educação. [...] a educação, por sua vez, ocupa lugar central no conceito de cidadania coletiva, posto que essa se constrói no processo de luta, que é, em si próprio, um movimento educativo.

Em busca dessa cidadania coletiva, alguns educadores se uniram e formaram o Comitê Nacional Pró-reformulação dos Cursos de Pedagogia, com o objetivo de agregar o maior número de professores e estudantes no debate acerca das reformulações dos cursos de formação de educadores. Posteriormente esse comitê, veio a se transformar na Comissão Nacional de Reformulação dos Cursos de Formação de Educadores – CONARCFE, que propunham uma base comum para os cursos de Pedagogia. Em encontros posteriores, se observou a necessidade da base comum ser dividida em eixos curriculares, assim propostos: relação educação e sociedade conteúdo, método e material didático; escola e os profissionais do ensino e relação teoria-prática pedagógica, nos quais poderiam ser acrescentados outros eixos para a formação do

educador. Em 1990, essa Comissão se transformou na então Associação Nacional pela Formação dos Profissionais da Educação – ANFOPE.

E em meio a uma política neoliberal, a partir do governo do então presidente Fernando Collor, se formula a nova LDB de nº 9394 de dezembro de 1996, e em seu artigo 64, a Lei relata que “a formação de profissionais de educação para administração, planejamento, inspeção, supervisão e orientação educacional para a educação básica, será feita em cursos de graduação em pedagogia ou em nível de pós-graduação, a critério da instituição de ensino, garantida, nesta formação, a base comum nacional”. (BRASIL, 1996). Em virtude da LDB 9394/96, outras instituições foram criadas e reconhecidas para a formação de docentes da Educação Básica, dentre elas os ISE - Institutos Superiores de Educação, que ofereciam programas e cursos, dentre os quais o Curso Normal Superior para a formação de professores para a Educação Infantil e para as series iniciais do Ensino Fundamental. Preocupados com o novo quadro educacional que se formara, Pimenta e Libâneo, (1999, p. 241) relatam que:

[...] a atuação do Ministério da Educação e do CNE na regulamentação da LDB n. 9.394/96 tem provocado a mobilização dos educadores de todos os níveis de ensino para rediscutir a formação de profissionais da educação. A nosso ver, não bastam iniciativas de formulação de reformas curriculares, princípios norteadores de formação, novas competências profissionais, novos eixos curriculares, base comum nacional etc. Faz-se necessária e urgente a definição explícita de uma estrutura organizacional para um sistema nacional de formação de profissionais da educação, incluindo a definição dos locais institucionais do processo formativo.

Entre os debates, contestações e polêmicas, a LDB 9.394/96 foi corrigida pelo Parecer CNE/CP nº 5/2005 e este foi reexaminado e retificado pelo Parecer CNE/CP nº 3/2006, que como retrata Oliveira (2012, p.57), “no paragrafo único do artigo 4º da DCNP, são desenhadas outras possibilidades de participação do pedagogo em atividades docentes” [...]. De acordo com o documento final do Parecer CNE/CP n.3/2006, o curso de Pedagogia fica assim definido:

4º. O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Parágrafo único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando:

I - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação;

II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares;

III - produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares.

Em meio a esse processo de mudanças no curso de Pedagogia, Libâneo (2007) destaca a atuação do pedagogo em diferentes campos educativos, de modo a atender as demandas sociais. Segundo o autor (ibidem, p.38) este profissional deve estar “qualificado para atuar em vários campos educativos, para atender demandas sócio-educativas, de tipo formal e não formal e informal, decorrentes de novas realidades [...]”. Ele destaca um outro campo de interesse pelas atividades não-escolares, proporcionando assim novos meios de trabalhos para o profissional da pedagogia.

2.2 A atuação do pedagogo na educação não formal: as ONGs como campo de atuação

No Brasil, a expressão “Organização Não Governamental - ONG”, segundo Coelho (2005), tem sido muitas vezes utilizada como sinônimo do Terceiro Setor. Entretanto, é necessário inferir que a ONG é uma, entre tantas outras organizações que fazem parte do Terceiro Setor, pois existe uma pluralidade de organizações na sociedade civil que possuem as características básicas em comum. Em 23 de março de 1999 foi criada a lei nº 9.790 denominada Lei do Terceiro Setor. Segundo Fernandes (1997):

[...] o Terceiro Setor é composto de organizações sem fins lucrativos, criadas e mantidas pela ênfase na participação voluntária, num âmbito não-governamental, dando continuidade a práticas tradicionais de caridade, da filantropia e do mecenato e expandindo o seu sentido para outros domínios, graças, sobretudo, à incorporação do conceito de cidadania e de suas múltiplas manifestações na sociedade civil. (p.27).

Na década de 1970 as organizações não governamentais estavam associadas aos movimentos sociais e agiam como centros de assessoria, tinham sentido político de formação. Entretanto, mudam o seu propósito a partir dos anos

90, quando passaram a fazer parceria com o Estado. Para Garcia (2008) o numeroso aumento de ONGs, surgidas como fruto de demandas no contexto das políticas sociais do Terceiro Setor, pode ter contribuído para a expansão da educação não formal no Brasil. Segundo Gohn:

A expressão ONG foi criada pela ONU na década de 1940 para designar entidades não-oficiais que recebiam ajuda financeira de órgãos públicos para executar projetos de interesse social, dentro de uma filosofia de trabalho denominada “desenvolvimento de comunidade”. (1997, p.54)

As ONGs são consideradas espaços de educação não formal, geralmente se constituem em espaço de luta em prol da democracia, agem como forma de conscientização política. Dessa forma, os pedagogos precisam estar preparados para a realidade desse espaço, sabendo que a sua função de educador possui grande importância para que o processo educativo aconteça.

Para a educação não formal, não existe instrução prévia das ações que deverão ser realizadas por um pedagogo, até porque estamos lidando com o acontecimento de experiências entre sujeitos distintos, seja ele educador ou educando, e as experiências acontecem em tempos distintos para cada um. Ter um padrão de ações é prever algo que ainda não aconteceu, é estar tomando para si um resultado que ainda não se tem na prática. Desse modo estaríamos tratando a educação não formal através da lógica formal da educação.

No entanto, apesar de não ter uma “receita” de sua atuação nesses espaços, os pedagogos precisam conhecer a fundo a instituição em que trabalham, como missão, valores, projetos etc. e ainda saber os fins da educação não formal. Seu foco é a formação social e crítica do sujeito e não apenas a qualificação.

O processo de ensino-aprendizagem ocorre em comunhão entre educador e educando, a tarefa pedagógica se mistura com a vida do outro, o educador social vai se reinventando ao mesmo tempo em que vai construído esse processo, juntos constroem o conhecimento. Desta forma, Freitas (2011) comenta que:

As aprendizagens materializadas nas associações democráticas (ONGs, Organizações da Sociedade Civil – OCS, Movimentos Sociais- MS) se definem por compreenderem várias dimensões: a aprendizagem política

dos direitos; a capacitação para o trabalho; o desenvolvimento de habilidades e potencialidades; a participação do indivíduo nos problemas coletivos e cotidianos, a capacitação dos indivíduos para se tornarem cidadãos do mundo; a busca por abrir e integrar o indivíduo nas relações do seu entorno. (p. 62)

Nesse sentido, o educador não formal deve constantemente questionar a si próprio: Como devo enxergar o outro? Quem é o meu próximo? Preciso adaptar a minha própria prática para atender as dificuldades do meu aluno! A educação não formal não transforma apenas o educando como também altera o ponto de vista e a vida do próprio educador. Ela vai lidar com um tipo de problemática que a “pedagogia escolarizada” não está acostumada, pois os sujeitos por ela silenciados e esquecidos são aqui reconhecidos e ouvidos.

O problema em questão é: Os pedagogos estão dispostos a lidarem com os educandos que foram deixados à margem de um sistema educacional de lógica formal e foram silenciosamente esquecidos nesse processo de escolarização existente e ainda dominante?

Nesse sentido, o pedagogo que pretende atuar com a educação não formal não pode ter uma “mente escolarizada”, ou seja, deve estar atento para não reproduzir os costumes da lógica formal escolar.

3. Metodologia

Uma vez que esta pesquisa tem como objetivo inicial compreender como se dá a atuação do pedagogo em espaços não formais, em particular em Organização Não Governamental – ONG, nos aproximamos da abordagem qualitativa, posto que esta busca o entendimento dos acontecimentos em situações diversificadas. De acordo com Chizzotti (2001) a efetividade da pesquisa qualitativa,

[...] parte do fundamento de que há uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito. O conhecimento não se reduz a um rol de dados isolados, conectados por uma teoria explicativa; o sujeito-observador é parte integrante do processo de conhecimento e interpreta os fenômenos, atribuindo-lhes um significado. (p.70)

Assim, procuramos estabelecer, através da pesquisa de campo, a nossa inserção dentro de duas ONGs, viabilizando de forma mais significativa a nossa coleta de dados, através de relações interativas com os sujeitos participantes da investigação. Como ressalta Gonçalves (2001):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas [...]. (p.11).

Inicialmente fizemos um levantamento de ONGs que estão inseridas na Região Metropolitana do Recife, e como primeiro critério de seleção, escolhemos a ONG que prioriza a formação acadêmica da sua equipe em Pedagogia. Nosso primeiro contato se concretizou via telefone, e foi marcada a primeira visita. A partir dessas visitas, selecionamos duas ONGs, que aceitaram participar e colabora com a nossa pesquisa.

A escolha dos sujeitos tem por finalidade atender os objetivos da pesquisa, ou seja, entender como se dá atuação do pedagogo, assim como a sua importância e contribuições para a ONG. Dessa forma foram escolhidos o gestor da ONG e um pedagogo. Nessa proposta Duarte (2002), faz a seguinte reflexão:

[...] a definição dos critérios segundo os quais serão selecionados os sujeitos que vão compor o universo de investigação é algo primordial, pois interfere diretamente na qualidade das informações a partir das quais será possível construir a análise e chegar à compreensão mais ampla do problema delineado. (p.214)

Partindo do princípio de que uma pesquisa pode vir a assumir vários formatos, nos propomos a realizar na coleta de dados a entrevista, por tornar o contato mais eficiente, uma vez que este instrumento nos permite conhecer com maior autenticidade as respostas, proporcionando uma maior interatividade entre quem está entrevistando e quem será entrevistado. Para Ludke (1986) em uma entrevista:

[...] Há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não verbais, hesitações, alterações de ritmos, enfim, toda a comunicação não

verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a avaliação do que foi efetivamente dito. (p.35)

Decidimos utilizar a entrevista do tipo semiestruturada, uma vez que “[...] favorece não só a descrição dos fenômenos sociais, mas também sua explicação e a compreensão de sua totalidade [...]” além de manter a presença consciente e atuante do pesquisador no processo de coleta de informações (TRIVIÑOS, 1987, p. 152).

Para organizarmos os dados, as questões objetivas foram tabuladas e as descritivas tiveram como referência as três fases básicas da *análise de temática* descrita por Bardin (1979), e sintetizada por Triviños (1987), ou seja, a pré-análise, a descrição analítica e a interpretação inferencial. Tal opção se fez a partir da compreensão de que essa é a melhor forma de registro, tendo em vista os dados que foram disponibilizados e os objetivos da investigação.

3.1. Caracterizando o Campo e os Sujeitos da Pesquisa

3.1.1. Organização Não Governamental – 1

A *ONG1* uma entidade sem fins lucrativos, que neste ano completa 22 anos de fundação, possui 3 unidades, visa minimizar as dificuldades vivenciadas pelos jovens carentes da região metropolitana do Recife através de trabalhos sociais. Seu objetivo é contribuir no processo de formação da cidadania, de forma integrada, visando o desenvolvimento global da pessoa. Dentre os valores da instituição, podemos destacar a Formação Integral Cidadania, o Compromisso com o Coletivo e a Justiça Social.

A *ONG1* também desenvolve ações baseadas na educação complementar, possibilitando aos seus assistidos conhecimentos em diversas áreas como: judô, artes, teatro, coral, dança, artesanato, capoeira, bem como informática educativa, matemática, encontros com a psicóloga, programa de leitura, letramento, evangelização e educação física.

Também cabe aqui ressaltar o trabalho integrado das assistentes sociais junto aos pedagogos, onde as assistentes sociais identificam a realidade socioeconômica do usuário, com o objetivo leva-lo a participar do processo de

conscientização dos seus direitos e deveres, buscando com isso a ampliação da sua cidadania. Ou seja, o propósito deste trabalho é interpretar as questões socioeconômicas que permeiam a realidade dos usuários e seus familiares, orientando-os de forma educativa e reflexiva na defesa dos direitos da criança e do adolescente, e a partir daí, participem juntos do processo de atendimento na ONG1.

É importante destacar que a referida Organização conta, também, com a participação de vários parceiros e contribuintes. Entre eles estão a CELPE, a COMPESA, o Centro Marista, a INFRAERO, o Governo de Pernambuco e a Universidade Federal de Pernambuco.

Como sujeitos de pesquisa desta ONG escolhemos o pedagogo que aqui denominaremos de **pedagogo 1**, com pós-graduação em Psicopedagogia em andamento, atuando há sete anos nessa instituição e a gestora que aqui denominaremos de **gestora 1**, graduada em Gestão de Recursos Humanos atuando há 12 anos na instituição.

3.1.2. Organização Não Governamental – 2

Neste ano a ONG2 completou 12 anos de inauguração. Ela foi criada no dia 18 de junho de 2003 e tem como finalidade trabalhar a educação e formação da cidadania de crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos. Para isso, ela procura promover a qualidade de vida da comunidade em que está localizada, através de programas de cidadania, capacitação profissional e políticas públicas, visando a inclusão social das famílias e a inserção delas no mercado de trabalho.

De acordo com a proposta da ONG2, a metodologia utilizada em seus trabalhos está firmada no “Amor”, “Educação” e “Profissionalização”. Ela acredita na união, na força da contribuição de cada pessoa e nas parcerias, para juntos alcançar a transformação social. As atividades que são desenvolvidas objetivam a melhoria da qualidade de vida, geração de emprego e renda para a comunidade local e também para as comunidades vizinhas, oportunizando a inserção das famílias nos projetos.

O projeto mais importante para a ONG2 tem como objetivo qualificar profissionalmente os educandos. Esse projeto visa jovens com idades entre 15 e

25 anos, com a proposta do *Curso de Varejo*, este curso capacita jovens para o primeiro emprego nas áreas de comércio formal, são para aqueles que estejam cursando o ensino médio, ou que já tenha concluído, ou ainda o *Curso de Logística*. Para participar deste último, os jovens precisam ter idade acima de 18 anos e ter concluído o ensino médio. Para a esta Organização, investir na qualificação profissional dos alunos, facilitará a entrada deles no mercado de trabalho.

Como sujeitos de pesquisa desta ONG escolhemos o pedagogo que aqui denominaremos de **pedagogo 2**, com pós-graduação em Psicopedagogia, atuando há doze anos nessa instituição e a gestora que aqui denominaremos de **gestora 2**, graduada em Serviço Social atuando há 12 anos na instituição.

4. Análise dos Resultados

A partir das leituras dos dados coletados em campo, delimitamos duas grandes temáticas de análise: *A Organização Não Governamental (ONG) como campo de atuação do pedagogo – limites e possibilidades* (o interesse por este campo de trabalho, as ações educativas que desenvolvem com seus pares, o reconhecimento do seu trabalho nesse espaço). *O papel do curso de Pedagogia na formação do pedagogo para o trabalho em ONG's*. A seguir, buscaremos apontar os significados que emergiram nessa realidade investigada e que tanto desperta o interesse dos pedagogos em formação.

4.1. A Organização Não Governamental (ONG) como campo de atuação do pedagogo – limites e possibilidades

✓ *O interesse do pedagogo pelo campo de trabalho em ONGs*

Dentre os diversos interesses dos profissionais em atuar em espaços distintos ao da escola, o fator inicial que os motivou surgiu através das demandas socioeducativas onde se encontravam. De acordo com Libâneo (2002):

Por consequência, o movimento, a transformação da realidade educativa, leva também a mudanças na Pedagogia, cabendo-lhe orientar a prática educativa conforme as exigências concretas postas pelo processo de conquista da humanização em cada momento do processo histórico-social. (p. 96)

As mudanças ocorridas na Pedagogia fez com que o pedagogo percebesse outras possibilidades de atuação profissional, entre elas, o trabalho dentro de uma Organização Não Governamental. O meio social no qual cada indivíduo está inserido, sua cultura, condição social, família, amigos, entre outros, também interfere e influencia nas escolhas de cada pessoa, como foi o caso aqui dos pedagogos que participaram dessa pesquisa.

Para o *Pedagogo 1* o interesse em atuar na *ONG* aconteceu através de uma oportunidade para trabalhar na instituição como instrutor de informática. Para ele, não havia, inicialmente, um interesse pessoal, ou identificação pela área não formal da educação.

A pessoa que eu sou hoje foi tudo baseado é... Na verdade o que eu sou hoje, a *ONG*, ela me lapidou, na verdade eu entrei como uma pedra bruta e fui bem lapidado né. Antes realmente esse desejo realizado era uma coisa bem vazia, muito vaga, sendo bem sincero, não tinha interesse. O desejo surgiu aqui com a experiência dentro da instituição. O aprendizado da educação essa coisa, de acreditar que ela pode ser transformadora foi tudo aqui da instituição. (*Pedagogo 1*)

Apesar de ter o interesse na docência, ele desconhecia o trabalho do pedagogo em espaços para além da escola. Essa afinidade surgiu e foi tomando proporção cada vez maior através das experiências vividas dentro da *ONG*.

Para o *Pedagogo 2*, o que o motivou a trabalhar na *ONG* foi o desejo em prestar serviço voluntário à comunidade. Como ele possuía experiência em informática na escola formal, ele se colocou à disposição da instituição para prestar serviços nessa área. Podemos perceber na seguinte fala:

[...] Essas experiências de informática foi o que me trouxe para a instituição... E o serviço social né... Porque a gente presta um trabalho para a sociedade se desenvolver e melhorar de vida. Isso é muito bom... Mesmo que a gente não receba nada... Eu passei muito tempo sem trabalhar, mas só em ver os meus alunos... Desde criança até terceira idade, que é a faixa etária que eu pego e continuo pegando, transformados. Já pagava todo o salário que eu precisava... (*Pedagogo 2*)

Vale destacar o quanto as experiências nas ONGs motivaram os pedagogos a fazer o Curso de Pedagogia. Sobre isso eles comentam,

Eu entrei aqui como monitor de informática né... Sem experiência nenhuma, ensino médio... Com aquela expectativa de vida que nem tinha né, um futuro que nem imaginei que um dia seria pedagogo, seria coordenador pedagógico. Então assim, do início fiquei perdido, fiquei constrangido né, porque os amigos de trabalho formados tinham experiência já... Com o tempo foi surgindo o desejo e incentivo dos colegas, dizendo faz um curso que tu se identifica né. É uma coisa que eu vi dentro da instituição também né, a instituição me deu também um respaldo teórico muito grande dentro da formação continuada... Todo o meu crescimento, pessoal, profissional e cognitivo partiu muito da instituição né. Se eu sou a pessoa com esse conceito todo, eu não posso deixar de mencionar a instituição, pois foi ela que me deu justamente esse respaldo para isso. Claro que as minhas experiências foram as experiências com os alunos, no trabalho, com as pessoas experientes que foram me ensinando. Então com tudo isso, foi muito gratificante. *(Pedagogo 1)*

Eu antes mesmo de me formar, já atuava aqui como educadora, trabalhava com apoio escolar, e umas oficinas, educadora de informática, para jovens adultos e terceira idade e aí como já trabalhava na área de educação, me veio a oportunidade de fazer uma graduação em Pedagogia, e no momento pra mim era mais propício. Fiz, me formei, continuei trabalhando aqui né, bem antes de me formar. *(Pedagoga 2)*

Consideramos importante ressaltar nos relatos de ambos os pedagogos, a plena satisfação e orgulho que eles têm em atuar como pedagogos nas ONGs, pois foi a experiência no Curso de Pedagogia que lhes deu maior segurança no seu trabalho nesses espaços educativos. Eles enfatizam que os conhecimentos adquiridos no curso contribuem para a transformação social dos sujeitos. Podemos perceber através das falas a seguir:

Hoje em dia eu posso dizer eu tenho orgulho, antes eu ficava meio assim porque era professor e hoje em dia não, tenho orgulho em dizer que sou professor e que acredito na educação transformadora, e ainda acredito que o que eu tô passando ali, não vai ser só um mero conhecimento, é tudo uma troca... Então é isso que nos motiva a acreditar na educação, faz acreditar que existem pessoas que querem e que tem o desejo. Ah, eu fico feliz em participar porque é muito bom trabalhar assim dessa perspectiva... *(Pedagogo 1)*

Eu me sinto realizada, mas é claro que eu acho que ainda dá pra fazer muito ainda... E assim, muitos até reclamaram no início pra mim, "Tu é doida é? Vai trabalhar 8 horas por dia de graça? Todos os dias?" Mas eu não posso deixar esse povo que precisa se desenvolver não, se eu posso fazer, se eu tenho essa qualificação, porque não ajudar? Eu

preciso ajudar e preciso contribuir com eles... A gente sabe que o pedagogo professor não é remunerado da maneira que deveria ser, mas essa transformação deles já está bom... Trabalho social quando é bem feito, ele é cativante! (*Pedagogo 2*)

Podemos perceber através das falas dos entrevistados que a experiência com os educandos nas ONG's, as formações continuadas, ou seja, a própria dinâmica das instituições, tiveram papel fundamental para a formação pessoal e profissional dos pedagogos. O interesse pela educação não formal foi crescendo com o passar do tempo, gerando estímulo inclusive para que ambos buscassem o curso de Pedagogia para complementar e dar respaldo teórico para suas atividades educativas dentro das instituições.

✓ *As ações educativas que o pedagogo desenvolve nas ONG's*

As mudanças ocorridas nos diversos espaços de atuação do pedagogo giram em torno de suas ações educativas. Dessa maneira, ao falarmos dessas ações, estamos percebendo-as como possibilidades para transformar a sociedade e não apenas para pôr em prática a teoria aprendida nas formações (inicial e continuada).

Sobre as ações realizadas nas ONGs, o *Pedagogo 1* atua como Coordenador Pedagógico, buscando, nos momentos de formação, envolver todos os profissionais, dos diferentes setores, de forma ampla, visando contribuir para o desenvolvimento pleno dos educandos. De acordo com ele,

A minha prática aqui dentro, eu acompanho os educadores na formação continuada, onde tem um momento com os educadores, onde há uma troca de conhecimento, onde tem estudo de caso, onde a gente aqui trabalha em prol do desenvolvimento pessoal dos educandos, então assim há uma troca onde cada um trás suas ideias e a gente constrói de forma interdisciplinar, o que a gente pode trabalhar para o desenvolvimento desses alunos. (*Pedagogo 1*)

Já o *Pedagogo 2*, atualmente trabalha na área de formação profissional, dentro de um dos projetos da ONG. Suas ações estão voltadas ao direcionamento dos educandos para o mercado de trabalho. Como podemos ver na sua fala abaixo,

[...] O trabalho ele tem objetivo principal de ingressar os participantes no mercado de trabalho, onde vai está dando, orientando os jovens como

trabalhar no mercado...Vemos o lado profissional, mas vemos também o desenvolvimento deles, porque as vezes muitos chegam tímidos, sem coragem... Desmotivados, sem nenhuma ideia, "pra onde eu vou", e aqui a gente estimula, informa como deve ser feita a busca de emprego...
(*Pedagogo 2*)

Sobre a preparação para as atividades que realizam dentro da ONG, ambos relatam que a instituição sempre promove encontros, capacitações, treinamentos entre outros, e que existe um Plano de Ação para nortear suas ações:

Na verdade temos o plano de ação que é como se fosse nosso P.P.P Projeto Politico Pedagógico. Então nesse plano de ação é onde a gente vai trabalhar o ano todo. Tem as demandas né, diárias do dia a dia e nosso planejamento também diário para poder executar durante o semestre, durante o mês, mas dentro disso existe o plano de ação onde detalha todo o que a gente vai trabalhar. (*Pedagogo 1*)

A gente é treinado, capacitado, a cada seis meses a gente está fazendo uma capacitação, treinamento, todo material didático e plano de aula é dado pela empresa, a gente é treinado para aplicar aquilo que tá dentro do projeto... (*Pedagogo 2*)

Ainda sobre o Plano de ação, gostaríamos de destacar a questão da preocupação e cuidado que os pedagogos têm com o contexto vivido pelos educandos. Ambos informam que buscam conhecer a comunidade em volta da ONG para que possam ajustar os conteúdos que deverão ser trabalhados, pois ela interfere de forma direta no cotidiano da própria instituição.

Tudo que é envolvido aqui e tudo que acontece aqui é incluso dentro desse plano, onde a gente tem uma base do que acontece aqui, onde a gente acompanha pra que se mantenha durante o ano... Até a história de vida dos alunos podem nos ensinar também, de dentro da comunidade, no lugar que eles estão inseridos eles têm uma experiência, tem o que nos ensinarem, essas historias são também fundamentais. (*Pedagogo 1*)

A gente também vê a questão da sociedade, da comunidade como é, do público que a gente vai trabalhar, pra ta acrescentando coisas novas no material que a gente ta trabalhando... no plano de aula que a gente recebe... (*Pedagogo 2*)

No entanto, enquanto o *Pedagogo 1* percebe a sua prática na ONG direcionada para a formação social do sujeito, existindo a preocupação para com o desenvolvimento pleno de cada educando, como percebemos na fala a seguir:

Na verdade todo nosso trabalho é justamente voltado pra essa ação social, pra essa formação do sujeito, que é o desenvolvimento humano.

Nossas metodologias têm os meios, os mecanismos onde a gente tenta trabalhar essas ações justamente no sujeito e nessa formação. A gente acredita nessa formação, todo o trabalho pautado, independente de área, se é artes, judô, letramento, no ser convivência, se é na recreação, matemática. Todo esse trabalho dentro da linguagem específica é voltado para a formação social do sujeito, de cada educando, não é uma questão só coletiva é uma questão individual de cada sujeito. (*Pedagogo 1*)

O *Pedagogo 2* privilegia em suas ações a formação profissional do sujeito, ou seja, seu trabalho é mais direcionado para a qualificação profissional do que para a formação social do sujeito, como vemos na fala na sua fala abaixo:

Fazer com que os jovens se destaquem no mercado de trabalho... que ele mostre que ele tem atitude e iniciativa e que vai fortalecer a empresa para ele poder também crescer, não apenas ter o emprego, mas se manter no emprego... Nosso trabalho é esse, fortalecer pra ter um profissional diferenciado. Visando isso, a empresa entra em contato com a gente, que a gente leva aqueles alunos que realmente mostraram que tem potencial que tem comprometimento e que vai com certeza fazer a diferença na empresa... (*Pedagogo 2*)

O público alvo das ações educativas nas duas ONGs é percebido de forma distinta pelos dois *Pedagogos*, o que os distingue em relação a compreensão de seu papel educativo em um espaço não formal. Para o *Pedagogo 1*, ele considera os sujeitos que ali estão a partir do seu potencial, isto é, ele não parte da premissa de que esses sujeitos dependem da instituição para ‘*ser alguém na vida*’,

É muito gratificante o trabalho dentro de uma instituição, o público é diferente, são os meninos de vulnerabilidade social, tem lá suas dificuldades né, suas necessidades, mas você vê que tudo que a gente traz, todo o conhecimento deles... Eles conseguem absorver rapidamente, conseguem trocar na formação, e a gente vê que isso é muito gratificante né? (*Pedagogo 1*)

Já para o *Pedagogo 2*, percebemos, em alguns momentos, que seu olhar pedagógico considera o público que está na *ONG* como sendo “inferior”, ou que está propenso a se tornar um marginal se não tiverem acesso à educação.

A gente pega um público muito delicado né? Famílias de baixa renda, e tem problemas com drogas em outras idades, então a gente busca transformar esse público em cidadãos... A gente tem visto muito resultado, desde o início, de jovens transformados... E a partir dessas

oficinas que a gente trabalhava a cidadania causou nele a consciência de ser um cidadão de bem de querer o melhor e não se marginalizar... Porque assim, uma parte desse bairro a gente sabe que assim... É bem vulnerável né? A situação de vida é meio complicada... Mas a gente já viu muito resultado da sementinha que a gente plantou...

Nesse sentido, Arroyo (2009) nos mostra que o educador socioeducativo precisa refletir como ele deve agir com esse “outro”, repensando a sua própria maneira de enxergá-lo, para assim poder contribuir no seu desenvolvimento.

Além disso, cabe ainda destacar o desafio que os pedagogos identificavam no trabalho em ONGs. Para ambos, o que mais dificultava as ações educativas com os educandos era a família. Daí a importância em se estabelecer uma boa parceria entre família e ONG dos educandos, para que a mesma compreenda o real significado do trabalho a ser desenvolvido pela organização e de que modo todos podem agir em prol de uma formação cidadã. Como podemos ver a seguir:

O desafio maior como pedagogo é justamente alinhar esse pensamento da família, fazer com que a família entenda qual a ideia da instituição... Sabemos que um dos motivos maiores do desenvolvimento da criança é a questão familiar que ele não tem recebido. Muitas vezes o que a gente constrói aqui é desconstruído em casa. Então assim, como pedagogo a gente sabe que essa relação é muito complicada né? Muitas vezes acham que a instituição é pra vim e deixar que a gente vai dar conta, e não é... Precisa de uma apoio como todo. (*Pedagogo 1*)

No início foi as famílias, porque a gente sabe que a gente não transforma a criança só, o primeiro professor da criança na verdade são os pais... então a gente tinha crianças no início que os pais não eram presentes, então a gente via que elas não queriam fazer as atividades, queríamos ajudar, mas a família não ajudava... então, um desafio muito grande é a questão da família... É muito complicado se a família não participar. (*Pedagoga 2*)

Sobre os desafios que o Pedagogo enfrenta em atuar em espaços para além da escola, como por exemplo, em Organização Não Governamental, Libâneo (2002) informa que:

[...] os educadores seriamente interessados nas ciências da educação, entre elas a Pedagogia, precisam concentrar esforços em propostas de intervenção pedagógica nas várias esferas do educativo para enfrentamento dos desafios colocados pelas novas realidades do mundo contemporâneo. (p.59)

Isso significa que as ações desenvolvidas pelos pedagogos em espaços não formais, irão variar e depender do olhar que o próprio pedagogo terá em

relação ao ambiente que está em volta dos educandos. Sobre isto, Libâneo (2002) refletindo sobre o campo educativo informa que pode existir através da prática social uma variedade de práticas educativas e diversas práticas pedagógicas. Na ONGs as ações educativas vão além do campo apenas prático e atingem o sentido humano.

4.2. O papel do curso de Pedagogia na formação do pedagogo para o trabalho em ONG's

Vimos que o curso de Pedagogia atualmente tem a preocupação em direcionar e preparar os pedagogos para atuarem em diferentes espaços educativos. Gohn (2010) nos mostra que precisamos refletir sobre a questão formação dos educadores e suas metodologias. Sobre essa questão, será que o curso de Pedagogia traz contribuições, tanto teóricas quanto práticas, a fim de propiciar aos pedagogos ações educativas mais seguras nas ONGs?

De acordo com essa questão podemos perceber que para o *Pedagogo 1*, o curso de Pedagogia trouxe contribuições para a sua formação enquanto profissional de uma ONG: “O curso teoricamente dá um respaldo muito grande e foi muito construtivo na minha didática aqui na questão teórica, na questão dos fundamentos que era preciso ser utilizado dentro desse espaço.”

Para a *Pedagoga 2* o curso também trouxe contribuições para a sua atuação dentro da ONG, ajudando-a a fazer a relação entre prática e teoria como vemos na sua fala: “As disciplinas que eu cursei me deu respaldo cada vez mais, fortaleceu meu lado de educadora... A Pedagogia me ajudou também, fez eu ter mais certeza e orientação do que eu fazia.”

Nesse sentido, através das falas dos pedagogos, percebemos que o curso possibilitou construir conhecimentos teóricos que contribuíram e deram respaldo para que eles pudessem refletir de forma crítica sobre a própria realidade vivenciada por eles nas ONGs. Entretanto, ambos informaram haver um distanciamento entre a teoria e a prática durante as disciplinas do curso, como podemos perceber nas falas a seguir:

Na prática eu tive um dificuldade, porque diferente da teoria a pratica é totalmente diferente, a gente não tem uma prática na nossa graduação,

é... Mesmo com as disciplinas que é de estagio curricular né, a gente não consegue ver quando a gente está realmente na prática, a prática é muito fundamental também, eu acho que podia ter uma cadeira específica de pratica pra gente ta dentro da sala de aula vendo como é o processo até pra identificação da pessoa, não só na ONG né, eu falo de uma forma geral, dentro da ONG também, ter uma disciplina né, Disciplina de práticas no espaço não escolar... Mas no decorrer da minha graduação, eu também já trabalhava aqui dentro da instituição, então deu para conciliar muita coisa e até dentro da sala de aula, no dialogo né, nos debates foi muito difícil, eu dizia, “Ah professora é muito complicado ter uma teórica que dê isso, achar que esses fundamentos são essenciais, mas na prática a gente sabe que dentro do espaço não escolar a realidade é outra, a história de vida dos alunos são outras, e é complicada essa relação...” (*Pedagogo 1*)

O curso me ajudou... Muita coisa que eu via lá, eu já atuava aqui... A gente sabe que a gente aprende no dia a dia... Não existe uma fórmula, o que eu via lá no curso e eu via aqui eu ligava os momentos, mas a vida, a experiência me ajudou muito mais. (*Pedagogo 2*)

A atuação dentro das ONGs no decorrer do curso de Pedagogia, permitiu que ambos pudessem fazer uma aproximação do estudado no curso, com o que estava vivendo na prática, as teorias educacionais nortearam, de alguma forma, suas ações educativas, como podemos perceber na fala a seguir:

Então foi uma experiência muito boa né, porque eu tava conciliando a minha teoria tudo que eu aprendia na faculdade com a prática aqui dentro da instituição. Mesmo sabendo que dentro o terceiro setor é um olhar diferenciado, tem um olhar diferenciado do que uma escola formal, então assim... Dentro do Terceiro Setor comecei a fazer essa casadinha e em algumas disciplinas me saquei por conta da experiência que já tinha por conta da instituição ne... (*Pedagogo 1*).

A prática já vivenciada nas ONGs pelos dois pedagogos teve papel muito importante, pois foi a partir dela que ambos puderam fazer reflexões sobre os conhecimentos advindos da Pedagogia. No entanto, fica claro que o curso não forneceu o preparo necessário para a sua prática na ONG. Sobre essa questão Libâneo e Pimenta (1999) destacam que levando em consideração a necessidade de uma cultura articulada com a construção de cidadania, houve pouco cuidado na preparação dos agentes culturais que se especializassem em funções pedagógicas nos ambientes não escolares.

✓ *O reconhecimento do trabalho do Pedagogo em Organizações Não Governamentais - ONGs*

O pedagogo, enquanto profissional da educação, vem ampliando seu campo de trabalho, atuando em espaços onde o conhecimento pedagógico possa trazer resultados significativos para a formação dos educandos, contribuindo, com os demais profissionais da área, para o seu desenvolvimento social de todos os envolvidos. É o que podemos perceber com a fala da *Gestora da ONG1*, quando ela diz:

A gente tendo esse profissional, que tem essa base, que foi buscar dentro do curso, se especializou, então ele tem aquela... não uma intuição, mas ele tem realmente o conhecimento dentro da área do que ele tá fazendo e ajuda tanto aquele educando, como às vezes até a gente que não tem a formação, a entender melhor e a resolver os problemas.

Para as gestoras, o pedagogo tem um papel relevante na formação social dos educandos, ele “Faz uma diferença, assim, que salta os olhos”. (*Gestora ONG1*), ou, como nos afirmou a *Gestora da ONG2*, ele “Traz contribuições e muitas [...]”, pois sua atuação envolve diversos espaços dentro da ONG, sendo capaz de atender uma demanda que excede suas funções.

As gestoras ao afirmarem esse comprometimento do pedagogo dentro da ONG, é confirmado por Libâneo (2001) ao falar que para suprir as exigências colocadas pelo mundo atual, o pedagogo deve estar apto a novos objetivos e habilidades, assim como sua capacidade de pensar e perceber essas mudanças.

Neste pensamento, as ONGs consideram essencial a existência de profissionais formados em pedagogia desde o início de sua fundação. Desta maneira, compreendemos que a relação do pedagogo com as ONGs se fortaleceu com base na troca de experiências entre os envolvidos nas ações educativas nesse espaço.

Considerações Finais

Percebemos na nossa pesquisa que a atuação do pedagogo em uma Organização Não Governamental acontece de forma diversificada, tendo seu

trabalho voltado para formação social do sujeito, na perspectiva do seu desenvolvimento pleno e humano.

As ações educativas realizadas por esse profissional numa ONG, apesar de seguir um Plano de Ação da própria instituição, elas buscam harmonizar a realidade vivida pelos educandos. Destacamos que as ONGs são importantes espaços de formação profissional para os pedagogos, o que reforça que as experiências formativas podem (re)significar o compromisso social dos educadores com a formação de seus educandos.

Esperamos que os espaços de educação não formal sejam cada vez mais conhecidos pelos pedagogos em formação, assim como pelos demais profissionais que atuam em outros espaços educativos, que não estão vinculados diretamente com a escola, pois acreditamos que a educação é necessária em outros espaços que têm intenções pedagógicas em suas ações. Assim sendo, acreditamos que os cursos de Pedagogia precisam aprofundar o debate sobre o papel do pedagogo para além da escola, proporcionando experiências que levem seus estudantes a entender, o que de fato significa a educação não formal.

As ações educativas que pedagogos executam dentro de ONGs vêm se ampliando e se consolidando em novas possibilidades de trabalho. Não podemos mais enxergar a educação não formal como sendo apenas uma modalidade, ou tipo de educação, pois ela vai muito além de um mero conceito. Pensar sobre a Educação não formal, é refletir sobre as relações humanas que se estabelecem entre sujeitos, é buscar compreender a verdadeira essência entre o educador e o educando. Ser educador não formal é saber aceitar o outro, ouvir o outro, e acima de tudo se permitir ter uma experiência com aqueles outros sujeitos que chegam muitas vezes quando não estão preparados e não sabem bem como agir, permanecendo com eles no processo formativo.

Referências Bibliográficas

ARROYO, Miguel G. **Outros Sujeitos, Outras Pedagogias**. Vozes. 2012.

_____. **Ações Coletivas e Conhecimento: Outras Pedagogias?** Disponível em: http://www.universidadepopular.org/site/media/leituras_upms/Acoes_Coletivas_e_Conhecimento__30-11-09.PDF . Acesso em: 20 de maio de 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Ed. 70, 1979.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares - Cursos de Graduação / Pedagogia**. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&id=12991:diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em: 14 abr. 2015.

_____. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9.394/1996, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: MEC. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br/legis/pdf/LDB.pdf>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP n.5/2005. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia: CNE**, Brasília, 13 dez. 2005. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>. Acesso em: 18 abr. 2015.

_____. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP n.3/2006. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia**. CNE, Brasília, 21 fev. 2006. Disponível em: <<http://www.mec.gov.br>>, Acesso em: 18 abr. 2015.

BRZEZINSKI, Iria. **Pedagogia, pedagogos e formação de professores: busca e movimento**. Campinas, SP. Papirus, 1996. (Coleção Magistério: Formação e Trabalho Pedagógico).

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DUARTE, Rosália. **Pesquisa qualitativa: reflexões sobre o trabalho de campo**. Cad. Pesqui., São Paulo, n. 115, p. 139-154, mar. 2002. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742002000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: em 19 abr. 2015.

FRANCO, Maria Amélia do Rosário Santoro. **Pedagogia e prática docente**. São Paulo. Cortez, 2012. (Coleção docência em formação: Saberes pedagógicos / coordenação Selma Garrido Pimenta).

GADOTTI, Moacir. **A Questão da Educação Não Formal / Não Formal**. 2005. Disponível em: http://www.vdl.ufc.br/solar/aula_link/lquim/A_a_H/estrutura_pol_gest_educacional/aula_01/imagens/01/Educacao_Formal_Nao_Formal_2005.pdf. Acesso em: 15 de abril de 2015.

GARCIA, Valéria Aroeira. **O papel da questão social e da educação não formal nas discussões e ações educacionais**. In: II Congresso Internacional de Pedagogia Social realizado pela Faculdade de Educação da USP, 2008. Disponível em: http://www.am.unisal.br/pos/StrictoEducacao/pdf/mesa_8_texto_valeria.pdf. Acesso em: 10 de abril de 2015.

GOHN, M.G.M. **Educação não-formal e cultura Política: impactos sobre o associativismo no terceiro setor**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2008.

_____. **Os sem-terra, ONGs e cidadania: a sociedade civil brasileira na era da globalização.** São Paulo, Cortez, 1997.

_____. **Educação não-formal na pedagogia social.** n. 1 Congr. Intern. Pedagogia Social Mar. 2006. Disponível em: http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?pid=MSC0000000092006000100034&script=sci_arttext. Acesso em: 30 de abril de 2015.

_____. **Educação não formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas.** Ensaio: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v.14, n.50, p. 27-38, jan./mar. 2006. Disponível em: <http://escoladegestores.mec.gov.br/site/8-biblioteca/pdf/30405.pdf> Acesso: 10 de março de 2015.

_____. **Educação não formal e o educador social.** Atuação no desenvolvimento de projetos sociais. São Paulo: Cortez, 2010.

GONÇALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica.** Campinas, SP: Alínea, 2001.

LIBÂNEO, José Carlos e PIMENTA, Selma Garrido. **Formação de profissionais da educação: Visão crítica e perspectiva de mudança.** *Educação e Sociedade*, dez. 1999, vol.20, no.68, p.239-277. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v20n68/a13v2068.pdf> > Acesso em: 16 abr. 2015

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e Pedagogos, para quê?** São Paulo: 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Pedagogia e Pedagogos: inquietações e buscas.** *Educ. rev.* [online]. 2001, n.17, pp. 153-176. ISSN 0104-4060. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.226>. > Acesso em: 10 julh. 2015

LÜDKE, M. ANDRÉ, M.E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo. EPU/EDUSP. 1986.

MACHADO, Evelcy Monteiro. **A Pedagogia Social: Diálogos e Fronteiras com a Educação Não-Formal e a Educação Sócio Comunitária.**2008. Disponível em: http://www.am.unisal.br/pos/stricto-educacao/pdf/mesa_8_texto_evelcy.pdf. Acesso em: 20 de maio de 2015.

OLIVEIRA, Djanice Marinho. **A formação do pedagogo no curso de Pedagogia como processo de significação e ressignificação curricular por estudantes: um estudo realizado na UFPE.** 2012. 215 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.

PIMENTA, Selma Garrido. **Pedagogia: sobre Diretrizes Curriculares.** XVI ENCONTRO NACIONAL do FORUMDIR, realizado na Chapada dos Guimarães –

MT, agosto de 2002 e no FORUM NACIONAL DE PEDAGOGIA 2004, realizado em Belo Horizonte, julho de 2004. Disponível em:

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Suzane da Rocha. **A trajetória do curso de Pedagogia**. In: **1º SIMPÓSIO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – XX SEMANA DA PEDAGOGIA**, 11, 12 e 13/nov/2008. Unioest-Cascável / PR. Disponível em: <http://www.unioeste.br/cursos/cascavel/pedagogia/eventos/2008/4/Artigo%2013.pdf>.> Acesso em: 14 abr.2015.